

# **DOIS PARLAMENTOS**

**por**

**JOÃO CABRAL DE MELO NETO**







Je ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

**DOIS**  
**parlamentos**



COLLEGE PARK, MARYLAND

1910-1911

THE UNIVERSITY OF MARYLAND

# **DOIS PARLAMENTOS**

**por**

**JOÃO CABRAL DE MELO NETO**

**MADRID, 1961**

**A Yedda e Augusto Frederico  
Schmidt**



# Congresso no Polígono das Secas

(ritmo senador; sotaque sulista)

- Cemitérios gerais  
onde não só estão, os mortos.
- Eles são muito mais completos  
do que todos os outros.
- Que não são só depósito  
da vida que recebem, morta.
- Mas cemitérios que produzem  
e nem mortos importam.
- Eles mesmos transformam  
a matéria prima que têm.
- Trabalham-na em tôdas as fases  
do campo aos armazéns.
- Cemitérios autárquicos,  
se bastando em tôdas as fases.
- São êles mesmos que produzem  
os defuntos que jazem
  
- Cemitérios gerais  
onde não se pode que se ache  
o que é de todo cemitério:  
os mármores em arte.
- Nem mesmo podem ser  
inspiração para os artistas  
êsses cemitérios sem vida,  
frios, de estatística.

- Se muito, podem ser  
tema para as artes retóricas  
que os celebram porém do Sul,  
longe da tumba tôda.
- Isto é, para a retórica  
de câmara (câmara política),  
que se exercita humanizando  
tais defuntos de cifra.

- Cemitérios gerais  
onde não se guardam os mortos  
ao alcance da mão, ao pé,  
á beira de seu dono.
- Neles não há gavetas  
em que, ao alcance do corpo,  
se capitalizar os resíduos  
possíveis de um morto
- A todos os defuntos  
logo o Sertão desapropria,  
pois não quer defuntos privados  
o Sertão coletivista.
- E assim não reconhece  
o direito aos túmulos estanques,  
mas socializa seus defuntos  
numa só tumba grande.

- Cemitérios gerais  
onde não cabe fazer cêrcas.
- Nenhum revêzo caberia  
o que dentro deveria.
- Onde o morto não é,  
só, o homem morto, o defunto.
- De mortos muito mais gerais:  
bichos, plantas, tudo.
- De mortos tão gerais  
que não se pode apartação.
- O jeito é mesmo consagrar  
cemitério a região.
- Assim, há cemitério  
que a tudo ali morto comporte.
- Consagrar tudo cemitério  
é tudo que se pode.



- Nesses cemitérios gerais  
não é a morte excesso.
- Ela não dá ao morto  
maior volume nem mais pêso.
- A morte ali não é bagagem  
nem excesso de carga.
- Ali, ela é o vazio  
que faz com que se murche a saca.
- Que esvazia, mais, uma saca  
aliás nunca plena.
- Ela esvazia o morto,  
a morte ali, jamais o emprenha.
- A morte ali não indigesta,  
mais bem, é morte azia.
- É o que come por dentro  
o envólucro que nada envolvia.

- Nesses cemitérios gerais  
não é a morte gôsto,  
a morte quase tacto,  
espêssa, em ar de banho morno.
- Não há o ar que banha os vivos  
em volta da banheira  
dentro da qual o morto  
banha na sua auréola espêssa.
- A morte ali é ao ar-livre,  
sêca, sem o ressaibo  
que tanto emociona  
no sabor de Rilke ou de cravo.
- Ela não é nunca a presença  
profunda de um defunto,  
sim morte escancarada,  
sem mistério, sem nada fundo.

- Nesses cemitérios gerais  
não há morte isolada,  
mas a morte por ondas,  
para certas classes convocadas.
- Nunca chega para um só morto,  
mas sempre para a classe,  
como para o serviço  
nas circunscrições militares.



—Há classes numerosas, como  
a de Setenta-e-Sete,  
mas sempre cada ano  
o recrutamento se repete.  
—É grande ou não, a nova classe  
designada pelo ano,  
segue para a milícia  
de onde ninguém se viu voltando.

—Nesses cemitérios gerais  
não há morte pessoal.  
—Nenhum morto se viu  
com modelo seu, especial.  
—Vão todos com a morte padrão,  
em série fabricada.  
—Morte que não se escolhe  
pois que é fornecida de graça.  
—Que acaba sempre por se impor  
sobre a que já medrasse.  
—Vence a que, pessoal,  
alguém já levasse na carne.  
—Mas afinal tem suas vantagens  
aquela morte em série.  
—Faz defuntos funcionais,  
próprios a uma terra sem vermes.

—Nesses cemitérios gerais  
os mortos não variam nada.  
—É como se morrendo  
nascessem de uma raça.  
—Todos êsses mortos parecem  
que são irmãos, é um mesmo porte.  
—Se não da mesma mãe,  
irmãos da mesma morte.  
—E mais ainda: que irmãos gêmeos,  
do molde igual do mesmo ovário.  
—Concebidos durante  
a mesma sêca-parto.  
—Todos, filhos da morte-mãe  
ou mãe-morte, que é mais exato.  
—De qualquer forma, todos  
gêmeos, e morti-natos.

- Nesses cemitérios gerais  
os mortos não têm o alinho  
de vestir seu rigor  
ou mesmo de domingo.
- Os mortos dali vão despídos  
e não só da roupa correta  
mas de tôdas as outras,  
mínimas, etiquetas.
- Daquelas tôdas que se exigem  
para se entrar em tal serão,  
mortalha, para todos,  
e rêde, aos sem caixão.
- Assim, ficam todos de fora,  
sem entrar nos salões da terra,  
entre pedras, gravetos,  
no sereno da festa.
  
- Nesses cemitérios gerais  
os mortos não têm êsse ar  
pisado, que uma dor  
deixa atrás ao passar.
- Ou o ar inteligente, irônico,  
que outros têm, de ter descoberto  
o que só êles vêem  
e não dizem, discretos.
- Eis um defunto nada humano,  
que nem lembra um homem, se foi,  
e no qual nada mostra  
se a morte doeu, ou doi.
- Se lembra algo, lembra é as pedras,  
essas de ar não inteligente,  
as pedras que não lembram  
nada de bicho ou gente.
  
- Nesses cemitérios gerais  
os mortos não mostram surpresa.
- A mortes para êles  
é coisa rotineira.
- Nenhum tem o ar de ter morrido  
em instantâneo, ou guilhotina.
- Porém de um sono lento  
que dorme, não fulmina.



—Em nenhum dêles há as posturas  
dêses que morrem sob protesto.  
—É sempre a mesma pôse,  
sem nenhum grito, gesto.  
—Entre êles gestos de eloquência  
não se vêem nunca, quando a morte.  
—Todos morrem em prosa,  
como foram, ou dormem.

—Cemitérios gerais  
que não exibem restos.  
—Tão sem ossos que até parece  
que cachorros passaram perto.  
—De mortos restam só  
raríssimos sinais.  
—Muito menos do que se espera  
com a propaganda que se faz.  
—Como que os cemitérios  
roem seus próprios ossos.  
—É como se, como um cachorro,  
após roer, cobrissem os ossos.  
—Eis porque êles são  
para o turista um lôgro.  
—Pensamos: não pensei que a morte  
houvesse desfeito tão poucos.

—Cemitérios gerais  
que os restos não largam  
até que os tenham trabalhado  
com sua parcial matemática.  
—E terem dividido  
o resto pelo nada,  
e então restado do que resta  
a pouca coisa que restava.  
—Ali tôda aritmética  
dá o resultado nada,  
pois dividir e subtrair  
são as operações empregadas.  
—E caso alguma coisa  
é ali multiplicada  
será sempre para elevar  
o resto à potência do nada.



- Cemitérios gerais  
que dos restos não cuidam  
nem fazem prorrogar a vida  
ainda nos mortos, porventura.
  - E cujos restos são  
de defuntos defuntos,  
por falta de folhas, formigas,  
para prolongar seu circuito.
  - Nem conhecem a fase,  
prima, da podridão,  
em que os defuntos se projetam,  
quando nada, em exalação.
  - Só restos minerais,  
infecundos, calcários,  
se encontram nesses cemitérios,  
menos cemitérios que ossários.
- 
- Cemitérios gerais  
que não toleram restos.
  - Nem mesmo um pouco que se possa  
encomendar ao céu ou ao inferno.
  - Eles todos os restos  
da mesma forma tratam.
  - Talvez porque os mortos que têm  
não tenham tal resíduo, a alma.
  - Talvez por elas terem  
consistência mais rala.
  - E sejam no ar fácil sorvidas  
como uma gota em outra de água.
  - Não há é porque usar  
aqui a imagem da água.
  - Melhor dizer: como uma gota  
de nada em outra de nada.



# Festa na Casa-Grande

(ritmo deputado; sotaque nordestino)

- O cassaco de engenho,  
o cassaco de usina:
- O cassaco é um só  
com diferente rima.
- O cassaco de engenho  
banguê ou fornecedor:
- A condição cassaco  
é o denominador.
- O cassaco de engenho  
em qualquer Pernambuco:
- Dizendo-se cassaco  
se terá dito tudo.
- Seja qual for seu nome,  
seu trabalho, seu sôlido:
- Dizendo-se cassaco  
se terão dito todos.
  
- O cassaco de engenho  
quando é criança:
- Parece cruzamento  
de caniço com cana.
- O cassaco de engenho  
criança é mais caniço:
- Puxa mais bem ao pai  
porque não é maciço.



—O cassaco de engenho  
quando é criança:  
—Não só puxa ao caniço,  
puxa também à cana.  
—Mas à cana de soca,  
repetida e sem fôrça:  
—A cana fim de raça  
de quarta ou quinta folha.

—O cassaco de engenho  
quando é mulher:  
—É um saco vazio  
mas que se tem de pé.  
—O cassaco de engenho  
mulher é como um saco:  
—De açúcar, mas sem ter  
açúcar ensacado.  
—O cassaco de engenho  
quando é mulher:  
—Não é um saco feito  
para conter, reter.  
—É um saco mas já feito  
para se derramar:  
—De outros que não se sabe  
como se fazem lá.

—O cassaco de enhenho  
quando é um velho:  
—Sòmente por acaso  
êle alcança êsse tecto.  
—O cassaco de engenho,  
velho, nem é acaso:  
—É que um cassaco novo  
apressou-se no prazo.  
—O cassaco de engenho  
quando é um velho:  
—Então, chegado aí  
se apressa em esqueleto.  
—Se apressa a descarnar  
como taipa em ruína:  
—E como são de taipa  
o esqueleto é faxina.

--O cassaco de engenho  
de longe é como gente:  
—Da perto é que se vê  
o que há de diferente.  
—O cassaco de engenho  
de perto, ao ôlho esperto:  
—Em tudo é como um homem,  
só que de menos preço.  
—Não há nada de homem  
que não tenha, em detalhe,  
e tudo por inteiro,  
nada pela metade.  
—É igual, mas apesar,  
parece recortado  
com a tesoura cega  
de alfaiate barato.

—O cassaco de engenho  
de longe é de osso e carne:  
—De perto é que se vê  
que de outra qualidade.  
—O cassaco de engenho  
se se chega a tocá-lo:  
—É outra a consistência  
de seu corpo, é mais ralo.  
—Tem a textura bruta  
e ao mesmo tempo frouxa  
menos que algodãozinho,  
mais própria das estopas.  
—E dos panos poídos  
chegados ao estado  
em que no português  
pano passa a ser trapo.

—O cassaco de engenho  
de longe é o mesmo barro:  
—De perto é que se vê  
que o dêle foi mais baço.  
—O cassaco de engenho  
é opaco e mortiço:  
—Nunca aprende dos aços  
da usina, seu brilho.



—Nem do brilho mais cego  
do cobre que êle vê  
nos tachos em que mexe  
num engenho banguê.  
—Sequer aprende o brilho  
dos cabos das enxadas  
que êle enverniza em sêco  
com a lixa da mão áspera.

—O cassaco de engenho  
de longe é branco ou negro:  
—De perto é que se vê  
que é amarelo mesmo.  
—O cassaco de engenho  
é amarelo sempre:  
—Mas do amarelo podre  
que é verde levemente.  
—Desse verde amarelo  
em que azul não entra,  
e que não fôsse nele  
se diria doença.  
—Um verde especial,  
espécie de auriverde,  
só dêle, branco ou preto,  
de receita só dêle.

—O cassaco de engenho  
quando está dormindo:  
—Se vê que é incapaz  
de sonhos privativos.  
—Neles não há o ar  
distante ou distraído  
de quem detrás das pálpebras  
um sonho está assistindo.  
—Detrás de suas pálpebras  
haverá apenas treva  
e de certo nenhum  
sonho ali se projeta.  
—O cassaco de engenho  
dorme em sala deserta:  
—A nenhum filme assiste  
e nem dispõe de tela.



- O cassaco de engenho  
quando não está dormindo:
- É como se seu sono  
ainda o encharcasse, limo.
- Quando não está dormindo  
não é que está acordado,  
é apenas que atravessa  
onde o sono é mais raso.
- Não tem como evitar  
que o marasmo o embeba  
e o impeça de subir  
à consciência sêca.
- O cassaco de engenho  
nunca acorda de todo:
- Anda sempre nos mangues  
do sono, por seu lodo.

- O cassaco de engenho  
quando no trabalho:
- Tudo com que trabalha  
lhe parece pesado.
- É como se seu sangue,  
que entretanto é mais ralo,  
lhe pesasse no corpo,  
espêssO como o caldo.
- Como o caldo de cana  
já muito cozinhado  
e que vai se espessando  
no gesto do melaço.
- O cassaco de engenho  
tem o ritmo pesado:
- Que é o gesto do mel  
deixando o último tacho.

- O cassaco de engenho  
quando não trabalha:
- As coisas continuam  
sendo-lhe pesadas.
- De sua roupa pouca  
está sempre cansado  
e pesa-lhe no pé  
inexistente sapato.

—Pesa-lhe a mão que leva,  
e se não leva nada,  
e pesa-lhe igualmente  
se se move ou parada.  
—Ao cassaco de engenho  
pesa o ar que respira:  
—É até mesmo lhe pesa  
o chão sôbre que pisa.

—O cassaco de engenho  
faz amarelamente  
tôda coisa que toca  
tocando-a, mesmo rente.  
—É o contrário do barro  
das casas-de-purgar  
que se bota no açúcar  
a fim de o branquear.  
—O cassaco de engenho  
purga tudo ao contrário:  
—Como o barro, se infiltra,  
mas deixa tudo barro.  
—Limpa tudo do limpo  
e deixa em tudo a nódoa:  
—A que há em sua camisa,  
sua casa, no que toca.

—O cassaco de engenho  
vai amarelamente  
entre todo êsse azul  
que é Pernambuco sempre.  
—Mesmo contra o amarelo,  
palha, do canavial,  
ainda é mais amarelo  
o seu, porque moral.  
—O cassaco de engenho  
é o amarelo tipo:  
—É amarelo de corpo  
e de estado de espírito.  
—De onde a calma que às vezes  
lembra sabedoria:  
—Mas não é calma, nada,  
é o nada, é calmaria.



- O cassaco de engenho  
é amarelamente  
mesmo no mundo em côr  
que bebe na aguardente.
- Primeiro, a aguardente  
lhe trás um certo azul  
e esquecido o amarelo  
êle quer ir-se ao Sul.
- Ao cassaco de engenho,  
depois, o azul é roxo:
- Já em vez de ir-se ao Sul  
deseja é ir-se morto.
- Por fim, inevitável,  
volta a vida amarela:
- No amargor amarelo  
da manhã que desperta,
  
- O cassaco de engenho  
vê amarelamente  
todo o rosa-Brasil  
que êle habita e não sente.
- Para êle, a água do rio  
não é azul mas barro,  
e as nuvens, de aniagem,  
pardas, de pano saco.
- Ao cassaco de engenho  
nunca a terra é de vargem:
- E o dia sempre mostra  
desmaiada folhagem.
- E outra é a morte que vem  
retratá-lo de face:
- Não usa pano preto,  
cobre-se, sim, de cáqui.
  
- O cassaco de engenho  
quando está com febre:
- Não de febre amarela  
mas da de sezões, verde.
- Por fora, se se toca  
no seu corpo de gente:
- Se pensa que a caldeira  
dêle afinal se acende.



—Contudo se se toca  
    êsse corpo por dentro:  
—Se vê que aquela fábrica  
    nem tem assentamento.  
—Que se é engenho, é  
    de fogo frio ou morto:  
—Engenho que não moi,  
    que só fornece a outros.

—O cassaco de engenho  
    quando vai morrendo:  
—Então seu amarelo  
    se ilumina por dentro.  
—Adquire a transparência  
    ou o cristal anêmico:  
—Aquilo de que a cera  
    é o melhor exemplo.  
—Adquire a transparência  
    própria de qualquer vela:  
—Da mesma em cuja ponta  
    plantam a chama que o vela.  
—A dêle é toda igual  
    à carne dessa vela:  
—E a chama se pergunta  
    porque não a plantam nela.

—O cassaco de engenho  
    quando a carregam, morto:  
—É um caixão vazio  
    metido dentro de outro.  
—É morte de vazio  
    que sempre leva dentro:  
—E como é de vazio,  
    ei-lo que não tem dentros.  
—Do caixão em que o levam  
    nem pode ser miolo:  
—Pois como êle é vazio  
    se muito será fôrro.  
—O entêrro do cassaco  
    é o entêrro de um côco:  
—Camadas sucessivas  
    em volta do centro ôco.

- O cassaco de engenho  
defunto e já no chão:
- Para rápido acabá-lo  
tudo faz mutirão.
- O massapê, piçarra,  
e a Mata faz Sertão:
- E o sol, para ajudar,  
se é inverno, faz verão.
- Para roer os ossos  
os vermes viram cão:
- E outra vez vermes, vendo  
o giz que os ossos são.
- E o vento canavial  
dá também sua demão:
- Areja o bafo de alma,  
levando-a (lavando), são.





**Tiragem de 200 exemplares,  
por conta do autor.**

23707











